

Íris Cavalcante

ESTRANGEIRA
na casa que habito

Fortaleza
2024

Imagem de Capa

Tela do acervo pessoal da autora, assinada por Luciene Cavalcante, retratando a casa construída por seu bisavô João Baptista Cavalcante de Albuquerque, nos anos 1870.

Design de Capa & Diagramação

Rebeca Gadelha

Revisão

Aline Daiara Rodrigues

Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Dados para Catalogação na Fonte

Carla Vilella de Mattos – Bibliotecária – CRB4/1596

C376e

Cavalcante, Íris

Estrangeira na casa que habito / Íris Cavalcante;
design da capa e diagramação Rebeca Gadelha; revisão
Aline Daiara Rodrigues. - 1. ed. - Fortaleza: A autora,
2024.

96 p.: il.

ISBN 978-65-01-13847-3

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira - Poesia.
3. Universo feminino. I. Título.

CDD B869.1

*Tenho de trabalhar
para ganhar o meu pão
meu querido Guilherme
não tenho tempo
para uma paixão infeliz
e complicada*

Adília Lopes

*Lar é onde o coração repousa
casa são paredes, chão e teto
lar é amparo, carinho e afeto*

*casa é uma construção concreta
lar é uma construção emocional
esta por vezes tão incerta
mas sempre tão essencial*

*casa é o abrigo do físico
lar é o abrigo da alma
é o afago, o abraço, o sorriso
a mão que acalenta e acalma*

João Mariano, filho da autora

*À casa da vó Senhorinha
à casa da Monsenhor Bruno
à casa que me habita*

Poesia cristalina, íris e retina

Entre as coisas que admiro nela está essa vontade de atingir a excelência da composição, de insistir nessa miragem, de persegui-la. Não quer qualquer expressão qualquer, nem causar impressão, sequer. Antes deseja o coração das coisas. Seu poema é forte, é forte seu dilema, quer o mapa do poema e a tinta da perfeição. Mas se descontenta, pois descobriu que nesse mundo está difícil entender tantos ãos, tantos nãos. Violação não rima com violão, abjeção não combina com afeição, tesão não se acoita com tensão, não se acopla nem faz cópula com paixão. Sua força poética traz do útero um braço erguido, uma mão fechada para a luta, mas pronta para abrir o dia. Ela sabe o que restou do rasto de quem se arrastou, mas só reconhece o lastro do que se alastrou em seu peito feito amor, ternura, resistência e graça. Vamos para a praça, que a vida passa e não há mais tempo a perder com minudências nem com excrescências. Sendo escrevessências eu quero agora o que for vida fôlego palavra inventada coisas grandes a iniludível existência ternuras vindas do nascedouro múltipla profecia silêncio feito de mar cor-de-marrom e já não quero

mais tocaia contra andrea genara dolores zizi sebastiana
sinhá e darei quanta volta-ao-mundo o instante permitir
como o menino da caixa dentro da caixa de sapatos nesse
pacto de nudez azul da alma de onde não se imagina da
minha varanda branda blandiciosa e quando uma mulher
sangra é o mundo que enrubesce e de nada adiantará um
réquiem para a senhorinha de Camboa ou poema à beira-
mar ou histórias de boemia, ah se eu fosse um poema, e o
sou, mesmo que em retalhos, e faço poema a ela, versos
contentes dormentes silentes, mas encontrando um jeito
de amar chamado amigo, ó deus, chega de vingança, não
quero dias imóveis nem misoginia seja em que modo for
imperativo ou subjuntivo e nada de súplica, mas ofereço
minha última oração que será sempre a primeira a inaugural,
quero é circo e poesia, basta de olhos rasos d'água nas
minhas purple íris azul-rosáceas sem bílis colhidas como
ingás no ingazeiro e gestado nas vivências de uma vida
inteira. Entre as coisas que admiro nela está essa vontade
fênix e esse desejo fêlix e essa ideia fixa de recompor o
dia com poesia. Ó, sibila, deixai sibilar teu verso. Não há
reverso que aguarde a força inversa-adversa da voz que se
levanta esporádica, toda manhã, secular, terçã, intermitente,
emergente-incontinente. *Fiat lux!*

**Carlos Vazconcelos, escritor,
doutor em literatura comparada (UFC)**

Índice

1. Fôlego	13
2. A casa	15
3. Palavra inventada	17
4. Minudências	19
5. Silêncio feito de mar	21
6. A iniludível	23
7. Nascedouro	25
8. Múltipla	27
9. Súplica	29
10. Ternuras infantis	31
11. Profecia	33
12. Última oração	35
13. Cor-de-marrom	37
14. Tocaia	39
15. Andrea	41
16. Menino da caixa	43
17. Pacto	45
18. Nudez azul	47
19. De onde não se imagina	49
20. Quando uma mulher sangra	51

21. Volta-ao-mundo	53
22. Réquiem para Senhorinha	55
23. Camboa	57
24. Se eu fosse poema	59
25. Retalhos	61
26. Poema a ela	63
27. Dias imóveis	65
28. Vingança	67
29. Da minha varanda	69
30. Oração ao perdão	71
31. Misoginia	73
32. Poema à beira-mar	75
33. Purple Iris	77
34. Concrizes	79
35. Flor	81
36. Ao amigo distante	83
37. Despedida	85
38. Apocalipse	87
39. A voz que eu não reconhecia	89
40. Sobre o livro	93

Fôlego

Vai me prender por causa de uma vírgula?
 é crime contra a humanidade por acaso?
 eu escrevo meu texto desvirgulado
 e esfrego na sua cara a melodia dele
 tenha fôlego!
 quis escrever foi um texto dançante
 em pé de bailarina ou de menino bailarino
 não me importam gêneros nem vírgulas essa coisinha
 besta de implicâncias
 apenas deixem as meninas e os meninos em paz
 e não matem o sujeito
 separado do predicado ele é um homem morto
 prefiro um texto atrevido teimoso espilicute birrento
 do que um textinho cheio de comportadas vírgulas
 me disseram que se usa a vírgula para dar pausa e ritmo
 – ah é professora e quem é que tem ritmos iguais?
 se eu não quis a vírgula me chamem de ignorante
 não sou doutora mesmo não quero títulos
 nem pontuação no lattes nem comendas
 eu quis dançar junto com meu texto lê-lo em voz alta
 senti-lo em meus prolongamentos nervosos





14

estender-me nele texto obsessivo que me seduz
me deito com ele e faço amor
levo até um texto pra cama
desde que as vírgulas fiquem do lado de fora
e não me tragam problemas
faça-me o favor
minha cama tem ritmo de texto
verso de uma linha só
página inteira
continua no verso da folha
toma fôlego e intensidade esquece as vírgulas
começa tudo de novo
– ufa mas que disposição tem esse texto meu amor!
tá combinado então vírgulas não têm lugar cativo
em meu texto
não trago clareza nem explicação
se trago alguma confusão melhor ainda
o que digo eu sei vocês entendam como queiram
se a carapuça lhes serve
vírgula maçante homem abusado e desejo inosso
quero mais não

A casa

Era uma casa de paredes claras com retratos e afetos
cheiro de café coado e roupa lavada
lavanda de alfazema um despertador às 6
havia livros discos souvenirs e quadros alguns azuis
natureza morta
havia cristais porcelanas cadernos
um diário que ninguém leu
cresceram os filhos na casa chegaram as gatas
havia sorrisos e festa e alegria
alguma tristeza e muitas memórias
havia amor ali amor que não cabe numa fotografia
mas não foi cuidado o amor e envelheceu a casa também
os habitantes seguiram com suas expectativas e planos
a casa não quis escolher com quem ficar sofria a casa
tinha uma dona e alma feminina
o reboco apareceu na parede como veias expostas
sangrando
um apego de difícil compreensão
mas a dona da casa não tinha apego
desocupou armários arrumou malas bateu a porta

15





16

e foi embora
ela amava a casa e os moradores da casa
e por amá-los quis vê-los felizes
levou o diário e as memórias da casa que é dela

Palavra inventada

Se me perguntam o que são escrevessências
eu direi sei lá sei nem quem sou
deve ser o que escrevo
quando a noite me abocanha os sentidos
superlativo vivo que não me deixa dormir
escrituras que fervem
efervescências música milagre ebulição
sei de mais nada não
deixem minha palavra inventada
tá tudo errado no planeta mesmo
deixem-me aqui com minha solidão cheia de mortos
minha estante me faz mais companhia
do que gente viva que morou no meu texto
mal passa o mês e os boletos se renovam
conta da luz do cartão e da analista
que se renovem também os poemas
vogais e consoantes
vindas das lonjuras do tempo
que se eternizem os instantes tornados versos
quantos respiros são necessários para esquecer 30 dias

17





18

ou
uma década perdida?
esqueço é nada
tenho minhas escrevessências
inscrições em língua materna
um diário de 10 anos
onde morri numas tantas madrugadas
e amanheci toda manhã

Minudências

Três pés de seriguela
casa de farinha da fazenda
galinha degolada outras ciscando ninhada atrás
ingás juazeiro encantado
terreiro grande
depois nem era tão grande assim
menina era pequena demais
quisera continuar vendo as coisas grandes
tornaram-se desimportantes as coisas
o que não serve para os boçais
tem lugar no poema
seriguela no pé mãe d'água na lagoa
rês no pátio boi da cara preta
estórias das vitalinas quarto das almas
a menina achava que isso era terror
sabia do mundo era nada tadinha
nem das maldades de alguns
desenxavida mirrada um botão de gente
– me deixa vida sou ninguém não

19

